

O DR. ALBERTO MARANHÃO E A LIGA DE ENSINO¹

Henrique Castriciano

Inauguram-se hoje os serviços de iluminação e bondes elétricos, devidos à iniciativa e ao decidido esforço do Dr. Alberto Maranhão.

Após esses melhoramentos virão outros, conforme a letra do contrato firmado com os honrados cidadãos Vale Miranda e Domingos Barros: esgoto, telefones, etc.

Creio que ninguém regateará louvores ao eminente rio-grandense.

A nossa capital, que é o ponto para onde naturalmente convergem as vistas das populações do interior, precisava da remodelação, porque passando de certo tempo a esta parte, em benefício da sua higiene e como expoente da nossa cultural.

Mas o progresso material nada é, comparado com o progresso intelectual. Creio mesmo que só deve ser tentado quando - e é o nosso caso - pode influir na educação do povo, levando-o a adquirir hábitos novos, dando-lhe uma noção mais da vida sob os seus variados aspectos, a começar pela higiene pública e particular.

Por isso quero lembrar o que S. Exa. há feito em relação à instrução. Certo, não é tudo. Está mesmo muito longe de sê-lo, porque o problema é daqueles que só podem ser resolvidos entre nós, como em toda parte, havendo o esforço conjugado e persistente do povo e dos governos.

No Brasil, enquanto a União não se resolver a auxiliar direta e eficazmente os estados, não teremos instituição primária disseminada por todos os núcleos que a estão reclamando, numa maioria desesperadora. Mas enquanto não aparece o estadista que há de fazer a obra mais considerável e gloriosa da República - a instituição primária, técnica e profissional do povo, amoldados os conhecimentos de cada cidadão às necessidades do meio em que agir - devemos todos por amor da pequenina pátria de cada um, fazer o que estiver ao nosso alcance, pregando, discutindo, clamando.

¹ Publicado no Jornal "a Republica", 02 de outubro de 1911. SOUZA, Henrique Castriciano de. Seleta: textos e poesias. In: ALBUQUERQUE, José Geraldo de (Org.). Seleta, textos e poesias. Henrique Castriciano. Natal: Sebo Vermelho, 2011. p.271-273.

O Dr. Alberto Maranhão é dos poucos que vêem clara a situação inferior em que se acha o Brasil nesse particular; até em relação a quase todos os países da América do Sul -nós vivemos a afirmar o nosso adiantamento sobre as outras nações desta parte do mundo! -e tem feito o possível, como homem de governo, para melhorar as condições intelectuais da gente norte-rio-grandense.

Convém acentuar que o seu nobre esforço tem encontrado da parte da população uma surpreendente boa vontade.

O decreto de abril de 1908, pelo qual se reformou o ensino, prometia estabelecer pelo menos um grupo escolar na sede de cada comarca, em prédios do Estado ou de construção dos Municípios.

É de justiça notar que estes não ficaram inertes; pelo menos, a maioria acudiu patrioticamente ao esforçado administrador.

Uns construíram, outros estão construindo os edifícios exigidos pelo decreto; e é consolador ver que, lentamente embora, os antigos processos pedagógicos vão sendo modificados.

Os resultados da Escola Normal não estão sendo o que todos desejavam e esperavam.

Ainda assim, a diferença entre alguns professores de hoje e a maioria dos de ontem é considerável, não porque estes tenham sido menos inteligentes, mas porque não tiveram método nem guias.

Com um reforma no sentido de tornar prático o ensino, criando seções técnicas, o nosso estabelecimento normal poderia prestar reais serviços, sob a orientação de pedagogos profissionais.

Esse foi o pensamento de S. Exa., ao tratar da remodelação do ensino, ideia que no momento não se tornou realidade devido à exiguidade das finanças estaduais.

Tratando-se da instrução primária entre nós, basta reler os relatórios publicados a respeito, desde o regime monárquico até os nossos dias; todos, sem exceção, lamentam o atraso dos professores e acentuam a impraticabilidade dos regulamentos.

Para aumentarmos com os fatos, aqui produzimos o que disse em mensagem de 1862 um dos presidentes da antiga província, o Dr. Olinto Meira:

“Este ramo de serviço público acha-se em mau estado a todos os respeito. A falta de capacidade é, sem dúvida, a maior e a mais perniciosa de todas as causas do mal. O descrédito em que geralmente se acham as aulas públicas que

os pais de família frequentemente abandonam para procurarem a instrução de seus filhos em aulas particulares, muitas vezes com sacrifício de seus minguados recursos, deixa fora de dúvida a procedência do que a este respeito fica dito”.

Na monarquia foi esta a situação do ensino primário; na República, apesar das tentativas parciais no sentido de melhorá-lo, o ensino nada aproveitou, como é sabido.

O vício era de origem e absolutamente o mesmo, dando como resultado a substituição das escolas públicas muito recomendada pelo nosso povo, tão injustamente caluniado.

Lê-se no relatório apresentado ao Exmo. Dr. Tavares de Lira em 1904, pelo diretor de instrução, Dr. Manoel Dantas:

“As escolas (particulares) representam uma matricula de 1.910 alunos e frequência de 1.777. São informações deficientes uma vez que, em todos os municípios, na suas sedes e pequenas povoações existem escolas particulares e algumas com frequência superior à cadeira do Estado e, para que negá-lo, com melhor aproveitamento”.

Comentando esse tópico, o autor dessas linhas, em exposição apresentada, na qualidade de Secretário do Governo, ao Dr. Tavares de Lira, acrescentou:

“Isso, sem falar nas aulas primárias dos colégios e sem reparar que se acha longe da verdade a frequência dada as aulas subvencionadas, cujos professores nem sempre residem nas localidades onde têm as suas cadeiras. É uma despesa inútil a que o Estado faz atualmente com a maioria dos professores municipais, principalmente não havendo aulas, com a devida frequência, nos pequenos núcleos distantes das cidades e vilas”.

Foram tomadas providências de resultado pouco apreciável, quebrando-se a boa vontade da administração na barreira formada pela desídia e ignorância dos professores e pelos moldes da lei então em vigor, em virtude da qual a fiscalização era feita exclusivamente por autoridades locais.

No ano seguinte, observa-se que a frequência média nas escolas subvencionadas e municipais era de 213 alunos, ao passo que as particulares era de 422, havendo, é preciso acrescentar, a favor das últimas, uma estatística imperfeitíssima por ser o ensino em grande parte administrado em núcleos distantes da sede dos municípios.

Do exposto, se conclui que o Dr. Alberto Maranhão se tornou credor da estima pública, agindo com energia no sentido de reformar matéria de tanto interesse.

Conclui-se mais a vontade que tem o nosso povo de aprender, de sair do marasmo intelectual em que geralmente se encontra, vegetando nas fazendas, nas e nos engenhos, sem a carta do ABC.

E para quem conhece as condições da existência social de nossa gente em desalentada formação, uma verdade salta aos olhos, com obsedante relevo: não nos bastam os grupos escolares, instalados somente nos centros mais ou menos populosos, do agreste e do interior.

O mestre-escola é ainda necessário nessas esquecidas regiões do sertão, da caatinga e do litoral. Certo não dará aos discípulos a instrução de que precisa o homem de hoje em sua primeira infância, mas, a não ser ele, quem ministrará ao filho do nosso campônio o ensino das primeiras letras, embora rotineiro e rudimentar.

Nas roças, por enquanto, o essencial é aprender a ler.

Os talentos excepcionais, logo que o conhecimento do alfabeto lhes desvenda, através dos livros e dos jornais, o mundo em seus múltiplos aspectos, a existência brilhante das grandes cidades e a vitória dos que estudam - procurarão meios diferentes do em que nasceram e far-se-ão homens, no sentido elevado da palavra, pelo esforço, pelo trabalho, pela cultura.

Para isso, para que a instrução possa ser disseminada para todo o estado, precisa o governo do auxílio dos particulares pela razão muito simples de que o erário público nem decuplicado poderia manter as escolas de que o Rio Grande do Norte necessita.

Nesse particular é preciso ensinar o povo a agir por si: combinadas, a ação administrativa e a iniciativa particular criariam uma situação bem diferente da que se observa em relação ao assunto.

O terreno, conforme se vê dos algarismos que acabamos de publicar, é magnífico.

O Dr. Alberto Maranhão, conhecedor de nossa índole, compreendendo isso, foi o primeiro a estimular a Liga de Ensino, cuja ação deverá ser lenta - como convém - mas será, sem dúvida, proveitosa, segura, eficaz.

Deixo aqui o testemunho do entusiasmo e de largueza de vista com que S. Exa. recebeu a ideia dos promotores de criação da Liga.

Deixo-o, porque estou convencido de que o problema da instrução é mais sério do Brasil e porque estou vendo o descaso com que a maioria dos estadistas da República vai deixando de lado a educação popular.